

ARTE E CIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: O CONHECIMENTO A PARTIR DO SENTIR E DO (RE)VIVER EMOÇÕES

Ângela[1]

Guiherme[2]

Círculo de Saber: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais.

Resumo: Este artigo discute a articulação entre arte e ciência na Educação do Campo, a partir de uma narrativa autobiográfica que revisita experiências formativas da autora em escolas, projetos e eventos. O objetivo é compreender como a arte, em suas diferentes linguagens, pode se constituir em mediação potente para a aprendizagem de conteúdos das Ciências da Natureza, ao mesmo tempo em que promove emancipação, sensibilidade e pertencimento. O percurso metodológico apoia-se na narrativa autobiográfica, entendida como movimento de rememorar e reinterpretar vivências significativas, possibilitando a produção de conhecimento a partir do sentir e do (re)viver emoções. Os resultados indicam que práticas como a horta escolar agroecológica, oficinas de sementes crioulas, confecção de Abayomis, encenação de teatro científico e realização de místicas potencializam aprendizagens, despertam o interesse dos estudantes e fortalecem identidades coletivas. Conclui-se que a arte, quando integrada à ciência e ao território, amplia as possibilidades de ensinar e aprender na Educação do Campo, desafiando a escola a reinventar-se em diálogo com as culturas e lutas dos sujeitos camponeses.

Palavras-chave: Educação; Ciência; Arte.

Para início de conversa (Introdução)

A Educação do Campo surge como resultado das lutas sociais organizadas por movimentos como o MST e outras organizações camponesas que exigiam uma escola vinculada à vida e ao trabalho no campo. A partir da década de 1990, experiências de formação docente e políticas públicas passaram a reconhecer a especificidade da escola do campo. O Parecer CNE/CEB 36/2001 e as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (2002) foram marcos nesse processo, consolidando princípios como a interdisciplinaridade, o vínculo com a realidade local e a valorização dos saberes populares.

Apesar desses avanços, ainda persiste a fragmentação curricular, especialmente nas Ciências da Natureza, frequentemente tratadas como disciplinas

[1] Licenciada em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza - Unipampa - Professora de Física na rede estadual de ensino -RS. e-mail: profeangelasoares@gmail.com.
[2] Doutor em Educação. Professor do Curso de Educação do Campo - Unipampa - e-mail: josegonzaga@unipampa.edu.br.



abstratas e descoladas da realidade dos estudantes. Esse distanciamento gera desinteresse e dificulta a apropriação crítica dos conhecimentos científicos. Nesse cenário, a arte se apresenta como possibilidade metodológica e epistemológica de aproximar ciência e vida, ao mobilizar emoção, sensibilidade e criatividade.

O objetivo deste artigo é analisar experiências pedagógicas que articulam arte e ciência na Educação do Campo, a partir de uma narrativa autobiográfica da autora. A hipótese defendida é que a arte, ao lado da ciência, contribui para aprendizagens mais significativas, formando sujeitos críticos e criativos. A justificativa se encontra na necessidade de repensar práticas escolares que muitas vezes negligenciam a dimensão estética e sensível do aprender.

Como aponta Riso (2019), as sementes devem ser compreendidas como patrimônio biocultural, na medida em que carregam memórias, histórias e formas de resistência das comunidades que as cultivam e preservam. Esse entendimento desloca a noção de conhecimento para além da técnica ou do dado científico, enfatizando o sentipensar como prática de cuidado com a vida. Assim, a Educação do Campo se torna espaço de cultivo de saberes e de sementes, num processo onde aprender é também semear, guardar e partilhar.

Essa reflexão encontra inspiração concreta no quadro coletivo intitulado 'Germinando Arte', confeccionado durante o III SIFEDOC, sob a orientação da educadora social Maritânia Riso. A obra, elaborada com mais de mil sementes de 38 variedades, simboliza a resistência camponesa, a preservação das sementes crioulas e a potência da arte como conhecimento vivo e transformador. Tal experiência marcou profundamente este trabalho, reafirmando que a educação pode florescer no encontro entre ciência, arte e território.

Uma das inspirações para este trabalho foi o quadro de sementes vivenciado no SIFEDOC, com os aprendizados partilhados pela professora Maritania Riso. Esse momento foi decisivo para compreender a potência pedagógica da arte e da ciência em diálogo com os saberes do campo, revelando que a prática educativa pode ser também espaço de troca, sensibilidade e pertencimento.



Como Caminhamos (Metodologia)

A pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa, fundamentada na narrativa autobiográfica. Segundo Walter Benjamin, o narrador é aquele que comunica experiências vividas, atribuindo-lhes sentido e transmitindo sabedoria. Essa perspectiva permite compreender a escrita autobiográfica como movimento de reflexão crítica sobre a própria trajetória.

A narrativa autobiográfica foi escolhida por permitir a autoimplicação da pesquisadora, reconhecendo que o conhecimento não é neutro, mas atravessado por emoções, valores e vivências. A autora, estudante de Educação do Campo, revisita experiências realizadas em contextos formativos diversos: estágios em escolas, oficinas, projetos de extensão e participação em eventos acadêmicos.

Os episódios narrados foram selecionados com base em três critérios: (a) relevância para a articulação entre arte e ciência; (b) potencial de reflexão pedagógica; e (c) diversidade de linguagens artísticas envolvidas (teatro, poesia, música, artes manuais). O material de análise inclui memórias pessoais, registros escritos e fotográficos, além de anotações em diários de campo. A análise foi orientada por categorias como interdisciplinaridade, emancipação e pertencimento.

Com quem caminhamos (nossas referências)

A educação, para Paulo Freire (1996), é sempre um ato estético e político, pois forma sujeitos capazes de imaginar e transformar o mundo. Ao articular arte e ciência, é possível superar a dicotomia entre razão e emoção, promovendo uma aprendizagem integral.

Walter Benjamin (1987) destaca a importância da experiência narrada. O narrador comunica vivências que não se reduzem a informações, mas se enraízam na memória coletiva. Essa concepção inspira a metodologia autobiográfica utilizada.



Na perspectiva da arte-educação, Ana Mae Barbosa (2002) defende a centralidade da arte como linguagem e como campo de conhecimento, capaz de desenvolver sensibilidade e pensamento crítico. John Dewey (2010), ao conceber a arte como experiência, reforça que a educação estética é parte da formação integral.

Vygotsky (2009) contribui ao entender a imaginação como elemento constitutivo do desenvolvimento humano, destacando que a criatividade nasce da interação entre cultura, linguagem e emoção.

No campo da agroecologia, Ana Maria Primavesi (1985) ressalta a necessidade de compreender a terra como organismo vivo. Essa concepção fundamenta práticas pedagógicas que unem arte e ciência em experiências de horta e teatro científico. As místicas, presentes nos movimentos sociais, também se inserem nesse horizonte como práticas que unem estética, política e espiritualidade (Maia, 2009).

Nesse horizonte, destaca-se também a experiência coletiva do quadro 'Germinando Arte', confeccionado no III SIFEDOC sob orientação da educadora Maritânia Riso. A obra, composta por mais de mil sementes de diferentes variedades, expressa a integração entre arte, ciência e resistência cultural. Ao transformar sementes em linguagem estética, o quadro exemplifica como a arte-educação pode mobilizar saberes ancestrais e científicos, reafirmando o valor da biodiversidade e da memória camponesa como patrimônios vivos.

Esta arte dialoga com experiências analisadas por Riso (2019), em que as sementes se transformam em linguagem estética e pedagógica. Mais que recursos agrícolas, elas se tornam símbolos de ancestralidade e beleza, permitindo que os sujeitos se reconheçam na diversidade biológica e cultural que representam. Esse tipo de prática materializa o vínculo entre arte e ciência na Educação do Campo, ao mesmo tempo em que produz memória e pertencimento.

Figura 1 – Quadro coletivo 'Germinando Arte', confeccionado no III SIFEDOC.





Fonte: Jornal Boa Vista (2019).

Como foi percorrer este caminho (Desenvolvimento)

Horta escolar e agroecologia

A horta escolar constitui prática pedagógica que articula ciência e vida cotidiana. Nas experiências relatadas, estudantes dos anos iniciais participaram de todas as etapas: preparo do solo, plantio, cuidados e colheita. Essa vivência permitiu compreender conceitos de fotossíntese, nutrição, biodiversidade e ciclos naturais, ao mesmo tempo em que despertou consciência ecológica e senso de responsabilidade coletiva.

A horta também foi espaço para discutir agroecologia e soberania alimentar, contrapondo-se ao modelo do agronegócio. Ao tocar a terra, os alunos descobriram que o conhecimento científico não é distante, mas está presente em seu cotidiano.

Abayomis e memória ancestral



As Abayomis, bonecas negras confeccionadas com tiras de tecido, carregam uma história de resistência cultural africana. A atividade pedagógica permitiu discutir identidade, racismo e ancestralidade. Do ponto de vista científico, envolveu conhecimentos sobre materiais, transformação de matérias-primas e técnicas de confecção.

Além disso, relaciona-se à Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, integrando arte, ciência e cidadania. As bonecas se tornaram símbolos de pertencimento e valorização da diversidade cultural.

Teatro científico inspirado em Primavesi

O teatro científico foi realizado a partir da obra de Ana Maria Primavesi, traduzindo conceitos complexos de ecologia do solo e sustentabilidade em linguagem cênica. Os estudantes, ao interpretar personagens, puderam internalizar conteúdos científicos de forma criativa. O teatro revelou-se instrumento didático que une racionalidade e emoção, ampliando a participação e despertando curiosidade.

Esse tipo de prática aproxima-se do campo das chamadas "artes científicas", que exploram a arte como linguagem pedagógica para comunicar ciência.

Místicas, músicas e poesias

As místicas, comuns em encontros de movimentos sociais do campo, foram incorporadas às práticas educativas. Elas envolvem música, poesia, símbolos e rituais, criando atmosferas de acolhimento e pertencimento. Na experiência narrada, contribuíram para fortalecer o vínculo coletivo e dar sentido aos conteúdos científicos discutidos.



As poesias e músicas também foram utilizadas como recurso didático, permitindo que os estudantes expressassem sentimentos e compreendessem conceitos científicos em linguagem estética.

Nesse contexto, Pedro Munhoz, cantor e compositor popular, contribui para uma lúcida reflexão sobre a realidade social e política. Suas composições são expressões de resistência e de compromisso com os povos do campo e com os movimentos sociais.

Suas canções não são utilizadas apenas como arte, mas também como instrumento de conscientização e luta coletiva, dialogando com temas como a terra, a liberdade e a justiça social. Por isso, o trabalho evidencia que sua obra se insere em um contexto de valorização da cultura popular e da pedagogia crítica, onde a arte presente em suas músicas e poesias atuam como meio de educação e de fortalecimento da identidade social.

Os frutos que colhemos guardam novas sementes - à guisa de Conclusão

A análise das experiências evidencia que a arte é linguagem fundamental para a construção do conhecimento na Educação do Campo. Ao lado das Ciências da Natureza, ela potencializa aprendizagens significativas, promove emancipação e fortalece identidades.

A narrativa autobiográfica revelou que o conhecimento não se restringe ao cognitivo, mas nasce do sentir e do (re)viver emoções. Esse processo é essencial para repensar práticas escolares e consolidar uma educação que valorize criatividade, sensibilidade e cultura.

Conclui-se que a integração entre arte, ciência e território constitui caminho fértil para a reinvenção da escola do campo. Recomenda-se que políticas públicas e práticas pedagógicas valorizem tais experiências, garantindo condições para sua continuidade e expansão.



Como perspectiva futura, sugere-se aprofundar pesquisas sobre metodologias que articulem arte e ciência em outros contextos educativos, de modo a construir currículos mais integrados, criativos e emancipadores.

Além disso, destaca-se que uma das inspirações decisivas para este estudo foi o quadro de sementes vivenciado no SIFEDOC, orientado pela professora Maritania Riso. Essa vivência reforçou a percepção de que arte, ciência e território, quando articulados, podem transformar a prática pedagógica e consolidar uma Educação do Campo enraizada nos saberes populares e na valorização da biodiversidade.

Referências bibliográficas

BARBOSA, A. M. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BENJAMIN, W. O narrador. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002.

DEWEY, J. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAIA, L. Mística e educação popular. São Paulo: Paulinas, 2009.

PRIMAVESI, A. M. Manejo ecológico do solo. São Paulo: Nobel, 1985.

RISO, Maritânia de Matos e. Sementes crioulas, patrimônio biocultural e guardiãs de sementes: uma pesquisa participativa em Mato Grosso do Sul. 2019. 245 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Pesquisa em Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

VYGOTSKY, L. S. A imaginação e a criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.